

Uma festa surrealista

AJM. 142

No dia 1º de junho iniciou-se, na Câmara Municipal da Serra, o I Seminário de Desenvolvimento Urbano Integrado. Ao final da reunião, prefeitos, técnicos e políticos presentes ouviram, incrédulos, um popular reivindicar água encanada. Coisa que na Serra ainda não tem.

Às nove horas da manhã de uma quinta-feira, 1º de junho, a pequena sala da Câmara Municipal da Serra apresentava uma movimentação incomum. A Câmara é dividida em duas partes: no lado de lá, ladeado por prefeitos, técnicos renomados e políticos esperançosos, Jones dos Santos Neves Filho, presidente da Federação das Indústrias do Espírito Santo, presidia a Mesa diretora dos trabalhos do I Seminário de Desenvolvimento Urbano Integrado. Do lado de cá da grade — que forma uma espécie de curral, onde fica a Mesa e a bancada dos vereadores —, estava a “massa”: meia dúzia de interessados, de fato, no assunto, mais alguns interesseiros, devidamente fardados de terno e gravata, e um bando de colegiais irreverentes (que se supõe tenham sido aliciados para a solenidade para disfarçar a sala vazia).

A conferência do presidente da Findes transcorreu, assim, nesse ambiente verdadeiramente surrealista. Jones dos Santos Neves Filho fora convidado para falar sobre “A Industrialização e o Desenvolvimento Urbano”. E falou, falou durante quase três horas, para desespero evidente de alguns dos presentes, forçados a saírem de suas camas bem cedo para estarem às 9 horas lá na Serra, e que mal conseguiram disfarçar a luta

surda que levavam contra as investidas do sono.

A palestra do presidente da Findes foi dividida em duas partes: numa primeira etapa, ele historiou o processo de desenvolvimento da produção ao longo dos anos, tanto a nível mundial, quanto local. Manipulando gráficos, tabelas, estatísticas com maestria, Jones dos Santos Neves Filho resumiu, em poucos minutos, a Revolução Industrial, a luta de classes, Marx e Engels, antes de adentrar o fantástico campo do crescimento industrial capixaba dos últimos anos. Depois, ainda dividindo o tema a nível mundial e capixaba (e, por que não?, da Serra propriamente dita), o presidente da Findes mostrou, provido dos mesmos gráficos, tabelas e estatísticas fenomenais, que razões não sobram àquelas que dizem que o Estado está com uma pressa tremenda. Em função dessa pressa é que é preciso ordenar o crescimento urbano, explicou o presidente da Findes. E logo sugeria, perante sua platéia insólita em grande parte constituída por menores pouco disciplinados, que a Grande Vitória fosse assim projetada: a área industrial na Serra; a área residencial em Vitória; e a área administrativa, compreendendo serviços, em Vila Velha, na região da Praia do Jucu.

Os Apartes

Terminada a palestra de Jones dos Santos Neves Filho, foi a vez dos presentes se manifestarem. Perfeitamente enquadrado no ambiente surrealista da ocasião, um simpático velhinho, de terno, levantou-se, do lado de cá do curral, e propôs que fosse feito um minuto de silêncio em memória do pai do conferencista. A homenagem teria sido absolutamente bem sucedida,

não fosse o ruidoso comportamento dos jovens estudantes, também obrigados a se levantarem.

Depois, foi a vez do prefeito de Vitória, Setembrino Pelissari, querer falar. Tentou abordar a questão da “Lei do Solo Criado”, legislação de grande importância, que está pondo em pauta novamente a questão dos “espigões”. O presidente da Findes, que também é dono de uma imobiliária, silenciou-o, rápida e cordialmente, ainda num contexto de teatro do absurdo.

Coube então ao prefeito da Serra, José Feu Rosa, alegrar a festa surrealista, informando que a empresa Kawasaki Steel exigira a construção de 10 mil habitações a menos de quatro quilômetros da futura siderúrgica (todo mundo presente falava na siderúrgica como se ela de fato já existisse, palpável, concreta). Informou ainda o prefeito que a mesma firma solicitara isenção de ICM para todas as empresas que venham a trabalhar no projeto da siderúrgica. Essas reivindicações, disse Feu Rosa, foram encaminhadas ao governo estadual. (Que, possivelmente, aplaudirá com entusiasmo as exigências da enérgica empresa transnacional.)

A coisa foi transcorrendo, nessa atmosfera de autêntico delírio irreal — industrialização, progresso, siderúrgicas, pólos industriais, o escambau — até que um outro senhor, também velhinho, se levantou, do lado de cá do curral, e pediu licença para fazer uma pergunta. Foi-lhe concedido o direito. “Por que não utilizar o rio Reis Magos para abastecer de água a Serra e a região das praias?”, perguntou, inseguro. E, dando corpo final à festa surrealista, arrematou: “Já que se fala tanto na industrialização e no progresso da Serra, por que não mudar a capital pra Serra?”